

FMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Correio da Bahia		
18/03/08	Página	
Adquirido	06	
Assunto		
Defesa Civil		



Paulo M. Azevedo

É comum as famílias que vivem nos imóveis antigos despertarem com o barulho de pedaços de paredes ruindo

Tragédia iminente

Moradores dos casarões do Julião continuam vivendo sob o constante risco de desabamento; ontem mais uma parede ruiu

Perla Ribeiro

Os moradores dos antigos casarões da Rua do Julião continuam vivendo sob o pesadelo de uma tragédia anunciada. Nos números 53, 55 e 57 os sinais do perigo são visíveis. Profundas rachaduras cortam paredes de uma ponta a outra e, a cada nova chuva, as 20 famílias que vivem nos três prédios despertam com o barulho de pedaços de paredes ruindo. Ontem, mais uma vez a cena se repetiu. Enquanto dormia com os dois filhos, grávida de seis meses, a catadora de papéis, Jacira Sacramento Silva, foi surpreendida com o estrondo de parte da parede do nº 53 desabando sobre o telhado de eternit do quarto onde vive. Ali, junto com os R\$90 que economizou para comprar as telhas, viu sendo destruído televisor, liquidificador, ventilador, copos e pratos.

Os riscos de uma tragédia são grandes. Ainda assim, os moradores insistem em continuar no local porque não têm para onde ir. "Um pedaço de telha ainda bateu na cabeça do meu filho, mas não teve nada. O que peço a Deus é que tirem a gente daqui", disse Jacira, que ontem mesmo pegou o pouco da mobília que tinha e levou para o terreiro, onde a mãe já vive com nove pessoas. Há 20 dias o *Correio da Bahia* publicou uma reportagem chamando a atenção do poder público para os riscos — entretanto, até o momento, nenhuma providência significativa foi tomada.

Ontem pela manhã, uma equipe da Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo (Sucom) retirou a marquise do nº53. "De-

pois de 14 anos de espera conseguimos a retirada da marquise. Ela já havia ferido muita gente", informou o morador do casarão nº57, Onassis Brito, que também é presidente da Associação de Borracheiros da Cidade, cuja sede funciona no local. Embora a retirada da marquise tenha minimizado os riscos de acidentes, uma das maiores ameaças tanto aos moradores quanto aos pedestres e veículos que circulam pela rua que liga o Comércio ao Taboão, continuam lá.

Trata-se de um paredão de cerca de 15m do que restou do casarão nº 57, que ameaça vir abaixo a qualquer momento. As extensas rachaduras sinalizam a fragilidade do pouco que restou do prédio secular e denunciam que, a qualquer hora, a estrutura pode ruir. Como os prédios estão situados em área do sítio histórico, a Coordenadoria Especial de Defesa Civil (Codesal) aguarda uma autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para executar a ação. A área é uma das mais antigas na ocupação da cidade.

Nos fundos do paredão, a borracheira Marilene Pereira dos Santos vive em uma morada improvisada. Dorme e acorda com o medo de ser engolida pelos entulhos do que um dia foi um suntuoso casarão. Mas não vê outra saída. "Fico com medo, mas não há outra solução. Não tenho parentes aqui e nenhum lugar para ir", diz Marilene, que há anos veio de Ubaitaba tentar a sorte na capital e, hoje, deposita as esperanças no sonho de conseguir com o poder público uma nova casa ou uma indenização para sair dali.

Promessa de recursos do PAC

A Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado (Conder) conta com recursos do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) para solucionar a questão no local. Somado à contrapartida do estado, os recursos chegam a R\$102,9 milhões, divididos em duas etapas, para contemplar duas áreas da cidade: as de falhas geológicas e trechos de encostas. No caso do Centro Histórico e arredores, incluindo a Rua do Julião, a assessoria de imprensa da Conder informou que, como trata de área tombada, a fachada e a volumetria não poderão ser alteradas.

A Conder já publicou licitação e receberá propostas até 4 de abril. O problema é que o projeto arquitetônico pronto ainda não contempla o Julião. Isso significa que os moradores da área ainda passarão muitas noites de chuva sob a ameaça de possíveis tragédias. Ao todo serão revitalizados 18 imóveis localizados entre o Caminho Novo, Taboão e Rua do Julião, que irão contemplar 211 famílias, das quais, 140 vivem em cortiços e 71 em áreas de risco.

Embora o projeto arquitetônico já esteja em andamento, a Conder não tem

previsão ainda de quando iniciará o processo licitatório para início das obras. Até lá, o pesadelo dessas famílias deve continuar. Enquanto o pessoal da Sucom retirava a marquise, os moradores contam que tiveram a sensação de que o prédio inteiro vibrava. Apesar da sensação que a estrutura fora ainda mais abalada com a ação, o chefe de engenharia da Codesal, José Roberto Casqueiro, explicou que, a marquise é agregada ao prédio, portanto, sua retirada não pode comprometer o imóvel.

A espera de um novo teto, o morador do nº55, o ferreiro Nelson Barreto Costa dorme entre os objetos e ferramentas de trabalho. Parte do teto já desabou. Os vigalhões enterrados estão a mostra e outra parte do teto foi coberta com lona para conter as infiltrações. Ainda assim, não fica imune a água da chuva que insiste em invadir a sua morada. "Se chove, alagada tudo. O jeito é ir para rua dormir sob alguma marquise. Meu sonho é sair daqui, não aguento mais essa vida", lamenta o ferreiro, que vive no local há oito anos. Os personagens são muitos, mas, em comum, todos eles dividem um só drama: convivem com a tragédia anunciada por falta de opções.